

ARTE E CIÊNCIA: ANÁLISE DAS ABORDAGENS METODOLÓGICAS DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA EM MUSICOTERAPIA

ART AND SCIENCE: ANALYSIS OF THE METHODOLOGICAL APPROACHES OF THE SCIENTIFIC PRODUCTION IN MUSIC THERAPY

Ana Maria de Barros¹

Resumo - A área de Musicoterapia tem como característica fundamental permear simultaneamente a ciência e a arte, revelando um campo de atuação cujo espaço de desenvolvimento pode ser evidenciado a partir de uma concepção contemporânea de interdomínio. Este estudo pretende apontar os possíveis fundamentos epistemológicos e filosóficos usados como base para o desenvolvimento de pesquisas sobre Musicoterapia no Brasil. Para tanto, foi realizado um levantamento de artigos científicos publicados em periódicos nacionais estratificados, nas mais diversas áreas de conhecimento, com o termo Musicoterapia, entre 2004-2014, tendo como objeto de estudo as opções metodológicas ali encontradas ou não. A partir dos resultados do trabalho foi elaborado um quadro das abordagens metodológicas utilizadas em Musicoterapia, contribuindo assim para repensar a área como um interdomínio, cuja evolução de metodologias é fomentada pela ciência e pela arte.

Palavras-chave: Musicoterapia, metodologias em musicoterapia, produção periódica científica.

Abstract - The area of Music Therapy has as its fundamental characteristic to permeate science and art simultaneously, revealing a field of action whose space of development can be evidenced from a contemporary conception of interdomain. This study intends to point out the possible epistemological and philosophical fundamentals used as basis for the development of research on Music Therapy in Brazil. In order to do this, it was reviewed scientific articles published in stratified national journals, in the most diverse areas of knowledge, with the term Music Therapy, between 2004-2014, having as object of study the methodological options. From the results of the work, a framework of the methodological approaches used in Music Therapy was elaborated, contributing

¹ Professora do curso de Musicoterapia na UNESPAR - Campus II, Curitiba, Faculdade de Artes do Paraná (FAP). Mestre em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR), 1998. Currículo Lattes: <<http://lattes.cnpq.br/3555323088749521>>, e-mail: ana.barros@unespar.edu.br

to rethink the area as an interdependence, whose evolution of methodologies is raised by science and art.

Keywords: Music therapy, Music Therapy Methodologies, Scientific periodical production.



MUSICOTERAPIA

Revista Brasileira de Musicoterapia - Ano XIX nº 22 ANO 2017

BARROS, Ana Maria de. Arte e ciência: análise das abordagens metodológicas da produção científica em musicoterapia (p. 79-106)

Introdução

O processo de desenvolvimento da área de Musicoterapia vem ocorrendo por meio da construção teórica e prática, dada especialmente pelo desenvolvimento da pesquisa científica.

No Brasil, a Musicoterapia tem uma história de aproximadamente 50 anos. A consolidação da área de Musicoterapia, desde meados da década de 1940 (CARVALHO, 1975), tem rompido diversas barreiras em sua constituição disciplinar, interdisciplinar, multidisciplinar e transdisciplinar, reafirmando a necessidade de traçar referências desse desenvolvimento, a importância de analisar o que tem sido produzido na área e as tendências de pesquisa que prevalecem. A identificação desses traços poderia vir a fortalecer o domínio de conhecimento, cujas fragilidades tangem especialmente à ausência de procedimentos e metodologias consolidadas que possam monitorar e avaliar os resultados e efeitos da prática da Musicoterapia em contextos bem definidos. Desse modo, a intenção proporcionar dados para conhecimento da história da área, suas práticas e tendências atuais, de modo a erigir sua configuração futura.

A produção científica vem se tornando foco de estudos de muitos pesquisadores que pretendem conhecer os rumos tomados em determinado campo de estudo. Na área de Musicoterapia, esse fato não é diferente, pois também existe certa preocupação em mapear e analisar os caminhos que têm sido construídos por meio da comunicação científica.

Uma maneira de minimizar essa inquietude é desvelar as interlocuções existentes entre os diferentes grupos, instituições ou países, e analisar a produção científica e a contribuição dessa produção para o fortalecimento da área. Isso reflete diretamente em conhecer o potencial gerado pelo conhecimento e a capacidade da ciência em transformar a sociedade como instrumento gerador de desenvolvimento econômico e social.

Entretanto, para não entrar no mérito de divergências entre essas concepções que preveem a disciplinarização do conhecimento, adotou-se aqui a concepção de interdomínio desenvolvida por Freitas (2017), em pesquisa da área da Ciência da Informação, que concerne a uma nova concepção para denominar as relações entre domínios de conhecimento distintos. A Musicoterapia é, de fato, “uma conjunção de conhecimentos oriundos de diferentes áreas”, que acaba por “transcender os seus respectivos domínios de origem”, a música na medicina, para formar uma identidade própria, com um arcabouço metodológico próprio e peculiar que a caracteriza (LEINIG, 1977, p. 16). A institucionalização social de interdomínios na Musicoterapia deve revelar suas origens, para que a produção científica da área possa ser apreendida de forma mais adequada.

Indubitavelmente, Arte e Ciência são aspectos de grande importância na existência humana. Muito foi produzido ou dito a respeito, entretanto, durante séculos não havia uma precisa separação, e o bem-educado formalmente deveria submeter o conhecimento à aprovação tanto da Arte como da Ciência. A informação é válida a partir do século XIX, quando o conceito de ciência tomou corpo, pois até então se falava apenas em filosofia natural (WILSON, 2009).

A definição etimológica do termo “ciência” vem do verbo *scire* e significa “conhecer”, “aprender”, mas não é suficiente para delimitar a ciência como aprendizado, conhecimento. Em Lakatos e Marconi (2007, p. 80), o entendimento do termo é mais amplo, definido como “um conjunto de proposições logicamente correlacionadas sobre o comportamento de certos fenômenos que se deseja estudar”.

Tratamento etimológico igual merece o termo “arte”, derivado do latim, que significa “deter habilidade ou técnica para algo”. As definições são inúmeras e acompanham o homem nos seus movimentos culturais, sociais e políticos. Na história da filosofia, desde Aristóteles (1977, 1990), Proust (1994,

2003), Kant (1989) e muitos outros, o termo foi ganhando conotações diversas e de difícil apreensão, pois tem significados diferenciados conforme o momento histórico e cultural no qual deve ser lido e compreendido. A arte é uma atividade humana de ordem estética, das manifestações dos sentidos, que objetiva estimular a percepção/consciência de cada um em cada objeto. Portanto, reconhece que cada captação estética é única e variável. Por estar ligada à estética, propicia que o homem crie, transforme e valore o belo em suas manifestações.

Resgatar a arte no contexto da musicoterapia é conferir-lhe também o *status* de espelho da condição humana, em que o reflexo do homem transfigura sua condição de ser social e pensante. É a não instrumentalização, mas o ser que se faz belo pelo que é, não importando sua sanidade física ou mental. Já no campo da ciência, a etiologia do problema, do não vir a ser o sujeito “perfeito”, é a tônica constante de terapêuticas que recuperam a sanidade física e mental. A arte é um reflexo do ser humano e muitas vezes representa sua condição social e essência de ser pensante.

Giannetti (2006) aponta diferenças entre os métodos empregados em arte e em ciência, salientando que a ciência adota metodologia rígida, determinada e mais facilmente reproduzida. No campo das Artes, a situação não segue metodologia rígida ou com pressupostos preestabelecidos. Enfim, conta com outro “olhar” sobre o objeto de/em análise.

Esta pesquisa é resultado do desenvolvimento de um projeto de Regime de Trabalho de Tempo Integral e Dedicção Exclusiva (TIDE), da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR).

O estudo com base epistemológica analisa a configuração das pesquisas em que a Musicoterapia é referenciada, a partir de análises dos artigos científicos publicados em periódicos nacionais estratificados, nas mais diversas áreas de conhecimento, com o termo “Musicoterapia”, entre 2004-2014.

Epistemologia é definida como o “estudo crítico dos princípios, hipóteses e resultados das diversas ciências destinado a determinar sua origem lógica, seu valor e sua importância objetiva” (LALANDE, 1999, p. 313). O conceito permeia aspectos históricos e filosóficos, vislumbrando tanto a teoria da ciência quanto a do conhecimento.

Para entender de forma mais concisa essa área, é preciso conhecer seu processo de criação, construção e consolidação de conhecimento. O processo de investigação se concretiza por meio de pesquisas científicas desenvolvidas na área por pesquisadores/docentes vinculados a cursos, instituições e programas de pós-graduação.

A musicoterapia é um campo da ciência que estuda o ser humano, suas manifestações sonoras e os fenômenos que decorrerem da interação entre as pessoas e a música, o som e seus elementos: timbre, altura, intensidade e duração. A sistematização da teoria e da prática musicoterapêutica teve início nos meados do século passado e vem se solidificando por meio de um crescente número de estudos e pesquisas na atualidade. No âmbito das investigações científicas, os estudos dedicam-se a compreender as funções, usos e significados que as pessoas atribuem aos sons, músicas, ritmos, silêncios e outros parâmetros sonoro-musicais que permeiam suas vidas (RUUD, 1998; GASTON, 1968 apud CUNHA; VOLPI, 2008, p. 86).

Os resultados das comunicações científicas colaboram para o fortalecimento da Musicoterapia no que diz respeito à sua institucionalização, tanto social quanto cognitiva, possibilitando conhecer e avaliar a ciência que se produz.

Por meio da identificação e caracterização da comunicação periódica científica, foram analisadas as abordagens teórico-metodológicas utilizadas pelos pesquisadores do referido campo e outros que se apropriam da Musicoterapia, e construído um quadro referencial dessas metodologias para evidenciar sua importância para a institucionalização científica da área.

Neste sentido, torna-se necessário apresentar à questão da pesquisa: “Como se configura a metodologia de pesquisa utilizada na produção periódica científica de Musicoterapia no Brasil?”, o objetivo geral é analisar a configuração da pesquisa em Musicoterapia do ponto de vista metodológico, na produção periódica científica da área, em um período de dez anos (2004 a 2014). Desse objetivo geral, desdobram-se os específicos: levantar a produção científica em Musicoterapia; identificar um *corpus* de artigos da área e analisar as metodologias utilizadas nos artigos desse *corpus*.

A Pesquisa em Musicoterapia: Abordagem Geral

Considerando que um dos objetivos específicos da pesquisa é levantar a produção científica em Musicoterapia, a proposta deste item é fazer uma abordagem geral da pesquisa em Musicoterapia.

O espectro em que se desenvolve a Musicoterapia revela a complexa relação com o som-ser e o humano-som, tratando da comunicação entre eles. Chagas e Rosa (2008) afirmam que a Musicoterapia é o encontro entre saberes ligados à arte e à ciência, um campo novo, sistematizado após a Segunda Guerra Mundial. Os autores referem-se ao campo da música como contribuinte do domínio da Musicoterapia por meio da vasta gama de domínios ali desenvolvidos, como a Musicologia, Estética, Morfologia, Educação Musical, Música Popular. De modo complementar, a pesquisa científica contribui a partir de seus distintos enfoques terapêuticos desenvolvidos no campo da Medicina, Psicologia, Neurologia, entre outras.

Os primórdios da Musicoterapia remontam à intenção interdisciplinar e casual. Logo após a Segunda Guerra Mundial, músicos profissionais foram contratados para distrair os egressos que sofriam problemas tanto de ordem física quanto emocional. O resultado foi percebido pelos profissionais de saúde, que logo avaliaram a mudança no quadro clínico, e também identificaram a

necessidade de aliar a formação de terapeuta à do músico (CHAGAS; ROSA, 2008), potencializando-se então o desenvolvimento de um campo de atuação iniciante e frutífero aos músicos. A seguir, um recorrido histórico dos primeiros indícios de surgimento e institucionalização desse campo do conhecimento.

No Brasil, o marco do surgimento da Musicoterapia foi o trabalho de professores da educação especial. No Rio de Janeiro, na década de 1950, Liddy Mignone criou o Conservatório Brasileiro de Música para preparar educadores musicais para atuarem com crianças especiais (CHAGAS; ROSA, 2008).

Na vertente acadêmica, a Musicoterapia teve seu primeiro currículo planejado em 1944, na Michigan State University. Em 1945, o National Music Council formou um comitê de Musicoterapia que elaborou o primeiro curso na formação de musicoterapeutas. Em 1946, o primeiro curso foi ministrado na Kansas University, Texas, Estados Unidos. Em 1950, foi formada a National Association for Music Therapy (NAMT). Na Grã-Bretanha, em 1958, formou-se a Society for Music Therapy and Remedial Music, em seguida denominada British Society for Music Therapy (BSMT). Em 1968, a Guildhall School of Music and Drama, em Londres, ofereceu o curso de Musicoterapia (CHAGAS; ROSA, 2008). Também em 1968, profissionais que participaram das “Jornadas Latino-americanas de Musicoterapia”, realizadas em Buenos Aires, fundaram no Brasil a Associação Brasileira de Musicoterapia (atual Associação de Musicoterapia do Estado do Rio de Janeiro) entre outras.

Nos anos de 1970, descreveu-se um caso clínico de uma psiquiatra e musicoterapeuta chamada Jacqueline Verdeu-Pailles que realizou uma intervenção por meio da música (CHAGAS; ROSA, 2008). Na mesma década, Mary Priestley cria o Modelo7 Psicanalítico de Musicoterapia no tratamento psiquiátrico alternando momentos musicais com momentos de reflexões verbais (WIGRAM; PEDERSEN; BONDE, 2002).

No Brasil, em 1970, o primeiro curso de especialização em Musicoterapia para educadores musicais graduados foi oferecido pela Faculdade de Artes do Paraná.² Em 1972, foi aberto o primeiro curso de graduação no Conservatório Brasileiro de Música no Rio de Janeiro (CHAGAS; ROSA, 2008).

Conforme a Federação Mundial de Musicoterapia, a definição de musicoterapia é:

a utilização profissional de música e de seus elementos como uma intervenção em ambientes médicos, educacionais e diariamente com indivíduos, grupos, famílias ou comunidades que procuram otimizar sua qualidade de vida e melhorar a saúde física, social, comunicativa, emocional, e o bem-estar intelectual e espiritual. A investigação, prática, educação e formação clínica em musicoterapia são baseadas em padrões profissionais de acordo com contextos culturais, sociais e políticos (WORLD FEDERATION OF MUSIC THERAPY, 2011, tradução nossa).

Gaston (1968) apresenta os três momentos do desenvolvimento da Musicoterapia: 1) o poder da música; 2) a relação terapêutica; 3) a busca pelo equilíbrio entre o poder da música e a relação terapêutica. A partir dessas etapas, foram sendo realizadas pesquisas, uma vez que a construção da Musicoterapia se dá a partir de uma inter-relação entre teoria, pesquisa e prática clínica (PIAZZETTA; CRAVEIRO DE SÁ, 2006). O ambiente de buscas por respostas sobre o objeto da Musicoterapia como área da ciência tem marcado as discussões e reflexões sobre as relações entre a Musicoterapia e a ciência, em diferentes ambientes acadêmicos no Brasil e no mundo, com reflexos no incremento das publicações na área.

Conforme descreve Oselame (2012, p. 12), “o levantamento de estudos realizados dentro do tema de pesquisa em Musicoterapia em periódicos nacionais (2006 a 2011) demonstrou o crescimento no número de publicações

² Atualmente Unespar – Universidade Estadual do Paraná.

na área”. Por outro lado, esse cenário aponta a necessidade de investigar e entender o porquê dessas implicações, uma vez que um bom profissional também deve ser um bom pesquisador, contribuindo, desse modo, para a busca de soluções e o aperfeiçoamento de sua área de atuação.

No processo de institucionalização da Musicoterapia, os periódicos têm um importante papel como meio de comunicação científica. Na visão de Mueller (1994), há três propósitos para a publicação de artigos: a comunicação entre cientistas; a divulgação de resultados de pesquisa e dos estudos acadêmicos; o estabelecimento da prioridade científica, além de oferecer um meio para a preservação do conhecimento nele registrado.

Para Meadows (1999, p. 7), o periódico científico constitui-se a expressão máxima legitimadora da autoria das descobertas científicas. De acordo com Nascimento e Ansay (2017, p. 180-181), no Brasil há seis cursos de Musicoterapia oferecidos em instituições particulares e públicas, dos quais apenas um está alocado na área da Saúde; os demais, na área de Artes/Música, sendo o conhecimento musical necessário e desejado. Cabe citar que o único curso alocado na área da saúde é o da FMU que na apresentação de seu curso de musicoterapia enaltece o conteúdo diferenciado e traz:

O curso de Musicoterapia da FMU é o único do Brasil que faz parte de um núcleo especificamente da saúde. Dessa forma, o conteúdo do curso destaca-se por oferecer uma formação inovadora e completa, por meio de conhecimentos terapêuticos, profissionais, práticos e interdisciplinares da área de saúde (FMU, 2017).

Um breve levantamento no Qualis/Capes apontou que havia 346 periódicos científicos estratificados no Qualis/Capes em Arte e Música durante o período compreendido pela pesquisa (2004-2014), fato que se alterou na última avaliação dos periódicos em 2016.

O periódico de melhor estratificação da área (B5) é a *Revista Brasileira de Musicoterapia*, uma publicação semestral online da União Brasileira das Associações de Musicoterapia (UBAM) destinada à publicação científica de trabalhos originais relacionados à Musicoterapia e a áreas afins.

Pressupostos Metodológicos em Pesquisa

O procedimento racional e sistemático denominado pesquisa “tem como objetivo proporcionar respostas aos problemas que são propostos. A pesquisa desenvolve-se por um processo constituído de várias fases, desde a formulação do problema até a apresentação e discussão dos resultados” (GIL, 2007, p. 17).

Pesquisar é procurar soluções para alguma questão ou problema que gera inquietação e dúvida. É o rigor do método científico que confere o caminho para se alcançar o tão almejado fim do pesquisador: potenciais respostas e reflexões relacionadas ao problema levantado. O papel do pensar a metodologia apropriada a determinados contextos ou problemáticas é essencial nesse processo de desenvolvimento do objeto de estudo, especialmente pela possibilidade de que venha a imprimir procedimentos e modelos próprios relacionados a contextos específicos. O propósito desta investigação científica é apoiado pelo embasamento teórico dos conceitos, princípios e fundamentos da metodologia científica, e das variáveis determinantes das tipologias de pesquisa, pois todo comportamento do processo em estudo apoia-se na forma e no conteúdo referencial epistemológico e metodológico e no caráter didático-tipológico e seus pressupostos teóricos.

No processo de pesquisa, a epistemologia assegura ao pesquisador construir linguisticamente seu objeto científico e definir sua problematização de pesquisa. Afinal, o fazer ciência requer o fazer e o desfazer, o construir e o

desconstruir, de forma que, de hipótese em hipótese, o pesquisador trace mentalmente o melhor caminho. Eis o seu método.

São inúmeras as classificações atribuídas aos métodos. Adota-se a sugerida por Prodanov e Freitas (2013, p. 26), que os classificam em métodos gerais, também denominados abordagens, e específicos, denominados discretos ou de procedimento.

Os métodos de abordagem incluem os métodos: dedutivo, indutivo, hipotético-dedutivo, dialético e fenomenológico. Tais métodos, ainda segundo Prodanov e Freitas (2013), elucidam os procedimentos lógicos a serem seguidos durante a pesquisa e vinculam-se a determinadas correntes filosóficas, cujo propósito é descrever como se conhece a realidade. Assim, o método dedutivo relaciona-se ao racionalismo; o indutivo, ao empirismo; o hipotético-dedutivo, ao neopositivismo; o dialético, ao materialismo dialético; e o fenomenológico, à fenomenologia.

O método dedutivo – defendido por racionalistas como Spinoza, Descartes, Leibniz – parte do geral para o específico e entende que somente a razão é capaz de levar ao conhecimento verdadeiro. “Parte de princípios reconhecidos como verdadeiros e indiscutíveis e possibilita chegar a conclusões de maneira puramente formal, isto é, em virtude unicamente de sua lógica” (GIL, 2008, p. 9). Amplamente aceito na Física e na Matemática, tem dificuldade de aplicabilidade nas ciências sociais.

O método indutivo parte do específico para o geral. Daí ser tomado como método de generalização (PRODANOV; FREITAS, 2013, p. 28). “O método indutivo procede inversamente ao dedutivo: parte do particular e coloca a generalização como um produto posterior do trabalho de coleta de dados particulares” (GIL, 2008, p. 10). O raciocínio indutivo exerceu forte influência sobre o pensamento científico e recebeu inúmeras críticas, sobretudo quanto à precariedade de suas conclusões. O método indutivo é reconhecido como o método por excelência das ciências naturais e tomou forças após o positivismo

como o método mais oportuno nas investigações propostas pelas ciências sociais (GIL, 2008, p. 11).

O método hipotético-dedutivo foi proposto por Popper com o seguinte raciocínio:

[...] quando os conhecimentos disponíveis sobre determinado assunto são insuficientes para a explicação de um fenômeno, surge o problema. Para tentar explicar as dificuldades expressas no problema, são formuladas conjecturas ou hipóteses. Das hipóteses formuladas, deduzem-se consequências que deverão ser testadas ou falseadas. Falsear significa tornar falsas as consequências deduzidas das hipóteses. Enquanto no método dedutivo se procura a todo custo confirmar a hipótese, no método hipotético-dedutivo, ao contrário, procuram-se evidências empíricas para derrubá-la (GIL, 2008, p. 12).

As etapas do método hipotético-dedutivo podem ser entendidas como: um problema ou uma lacuna no conhecimento, elementos teóricos norteadores, dedução, teste de hipóteses, avaliação, correção teórica. Numa constante solução paliativa para os “erros”. Tem forte aceitação entre os pesquisadores nas ciências naturais.

A dialética dá, conforme menciona Gil (2008, p. 14), “as bases para uma interpretação dinâmica e totalizante da realidade, uma vez que estabelece que os fatos sociais não podem ser entendidos quando considerados isoladamente, abstraídos de suas influências políticas, econômicas, culturais etc.” O método dialético revisado por Marx pretende interpretar a realidade a partir do pressuposto de que todos os fenômenos apresentam características contraditórias organicamente unidas e indissolúveis (GIL, 2008). É o método utilizado em pesquisas qualitativas, com interpretação ágil e completa da realidade, uma vez que considera somente o que está posto no todo que circunda o homem: a sociedade, a política, a economia, a cultura, etc.

Husserl (1859-1938), que era contra os métodos indutivos e dedutivos das pesquisas em sua época, propõe a fenomenologia como uma forma crítica de pensar. No método fenomenológico, interessa os aspectos individuais e

essenciais do fenômeno, desprezando o raciocínio indutivo ou dedutivo. Os métodos de procedimento específicos ou discretos são os procedimentos técnicos a serem seguidos pelo pesquisador em determinada área de conhecimento e se confundem com as próprias técnicas utilizadas pelo pesquisador; não são tão abstratos como os métodos de abordagem por se constituírem as etapas da investigação.

“Esses métodos têm por objetivo proporcionar ao investigador os meios técnicos para garantir objetividade e precisão no estudo dos fatos sociais” (GIL, 2008, p. 15). É possível que a natureza da pesquisa demande a utilização de dois ou mais métodos, a fim de que os procedimentos tomados sejam suficientes à consecução da pesquisa. Os métodos de procedimento mais adotados nas ciências sociais são: histórico, experimental, observacional, comparativo, estatístico, clínico e monográfico (PRODANOV; FREITAS, 2013, p. 36).

O método histórico é classicamente qualitativo e voltado aos fatos ou instituições do passado, e tem repercussão social ao longo da linha do tempo. O método experimental – método de escolha das ciências naturais, neste século – consiste, conforme Gil (2008), em submeter os objetos de estudo à influência de certas variáveis, em condições controladas e conhecidas pelo investigador, para observar os resultados que a variável produz no objeto. O método observacional – amplamente utilizado nas ciências sociais –, por vezes considerado impreciso, alcança nas ciências sociais relevância e status que lhe conferem validação. Distingue-se do método experimental, pois, “nos experimentos, o cientista toma providências para que alguma coisa ocorra, a fim de observar o que se segue, ao passo que, no estudo por observação, apenas observa algo que acontece ou já aconteceu” (GIL, 2008, p. 16). O método comparativo investiga semelhanças e diferenças em grandes populações ou objetos de análise e é bastante aceito nas ciências sociais. Por vezes, oferece resultados interessantes e passíveis de generalização. Investiga

fenômenos, portanto o fato concreto é analisado sem “os elementos constantes, abstratos e gerais” (LAKATOS; MARCONI, 2007, p. 107). O método estatístico quantifica dados e tabula informações de uma parcela da sociedade, oferecendo probabilidades de acerto ou erro sobre os dados. Fundamenta-se “na aplicação da teoria estatística da probabilidade e constitui importante auxílio para a investigação em ciências sociais” (GIL, 2008, p. 17). O método clínico, um dos mais importantes métodos de investigação psicológica, sobretudo depois da divulgação dos trabalhos de Freud, tem caráter altamente subjetivo e se baseia na relação entre pesquisador e pesquisado. O método monográfico defende que o estudo de um caso individual ou em grupo, na sua integralidade, pode ser representativo de muitos outros ou mesmo de todos os casos semelhantes (GIL, 2008).

Na Musicoterapia, embora haja produção científica que colabora para o desenvolvimento de determinados aspectos temáticos e objetos da área, ainda ocorrem muitos debates sobre suas metodologias. Na área da Saúde, há um número expressivo de pesquisas com características advindas dos estudos com enfoque quantitativo, de cunho clínico, próprios da área das Ciências Biológicas e Médicas. Por outro lado, no que tange ao domínio da arte, especialmente da Música, questiona-se quais metodologias e modos são mais apropriados para capturar e sistematizar o que vai além da objetividade exigida pela ciência, relacionada, por exemplo, à estética da música.

Apesar de a Musicoterapia não figurar na tabela de áreas do conhecimento da Capes, seus trabalhos se encontram publicados em muitas grandes áreas e se agrupam nas áreas básicas, além de nas subáreas e especialidades.

Os quatro níveis de hierarquização das áreas de conhecimento, assim devem ser entendidos (CAPES, 2017):³

³<<http://www.capes.gov.br/avaliacao/instrumentos-de-apoio/tabela-de-areas-do-conhecimento-avaliacao>>.

1º nível – Grande Área: aglomeração de diversas áreas do conhecimento, em virtude da afinidade de seus objetos, métodos cognitivos e recursos instrumentais refletindo contextos sociopolíticos específicos;

2º nível – Área do Conhecimento (Área Básica): conjunto de conhecimentos inter-relacionados, coletivamente construído, reunido conforme a natureza do objeto de investigação com finalidades de ensino, pesquisa e aplicações práticas;

3º nível – Subárea: segmentação da área do conhecimento (ou área básica) estabelecida em função do objeto de estudo e de procedimentos metodológicos reconhecidos e amplamente utilizados;

4º nível – Especialidade: caracterização temática da atividade de pesquisa e ensino. Uma mesma especialidade pode ser enquadrada em diferentes grandes áreas, áreas básicas e subáreas.

Tais níveis epistemológicos categorizam o conhecimento conforme a metodologia que lhe possibilita dar a conhecer. Como a Musicoterapia não está incluída na tabela, transita por várias delas.

Metodologia e Procedimentos

A metodologia utilizada nesta pesquisa é definida pelas características do objeto estudado e pela natureza do problema. Esta pesquisa caracteriza-se como uma análise documental da produção periódica científica da área da Musicoterapia, para a identificação das metodologias adotadas pelos pesquisadores da área. Portanto, consiste em um estudo documental e descritivo que permite obter uma visão panorâmica da área e de sua configuração no que tange às metodologias utilizadas pelos seus autores.

A metodologia é entendida como “uma disciplina que consiste em estudar, compreender e avaliar os vários métodos disponíveis para a realização de uma pesquisa acadêmica” (PRODANOV; FREITAS, 2013, p. 14),

logo viabiliza que o levantamento epistemológico advindo da filosofia se materialize. A metodologia, com a aplicação de procedimentos metodológicos e técnicas de pesquisa, trilha os caminhos para que o pesquisador construa o conhecimento necessário para responder ao seu problema de pesquisa, comprovar ou refutar hipóteses, reformular questionamentos, de forma que a ciência possa ter garantida a sua evolução.

O levantamento foi realizado em diferentes bases de dados. Apesar de a Musicoterapia não constar na Tabela das Áreas de Conhecimento (CAPES, 2017), é nas grandes áreas das Ciências Humanas, das Ciências da Saúde, da Linguística, Letras e Artes, das Ciências Sociais Aplicadas e da Multidisciplinar que as publicações relacionadas ao termo “Musicoterapia” são objeto de busca na plataforma SciELO e LILACS, além das contidas em dois periódicos nacionais – mais específicos –, *Revista Brasileira de Musicoterapia* e *InCantare*.

Acessando a Plataforma Sucupira,⁴ foi atribuída a estratificação Qualis/Capes dos periódicos, nos quais o termo “Musicoterapia” foi encontrado. Em seguida, realizou-se uma ampla busca temática nas bases de dados SciELO e LILACS com a palavra-chave “musicoterapia”. Por último, nos periódicos nacionais ligados aos programas de graduação ou pós-graduação em Musicoterapia da UFG, UNESPAR-FAP, CBM-CEV, EST, FMU e UFMG, e associações de classe de musicoterapeutas UBAM, AMT-PI, AMT-NE, ASBAMT, SG-MT, AMT-RJ, APEME-SP, AMT-PR, AMT-RS, AGAMUSI.⁵ Não foram priorizados periódicos da área de música, em específico, no Brasil. Artigos envolvendo o termo “Musicoterapia” foram recuperados por ocasião do levantamento nas bases SciELO e LILACS. Dos periódicos ligados à UBAM, destaca-se a *Revista Brasileira de Musicoterapia*, categoria: Ciências Humanas: Psicologia Linguística, Letras e Artes: Artes, indexada no

⁴ Disponível em: <<https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/veiculoPublicacaoQualis/listaConsultaGeralPeriodicos.jsf>>.

⁵ A fonte de busca foi: <<http://www.periodicos.capes.gov.br>>

latindex.org e sumarios.org. Dos periódicos envolvendo formação acadêmica se destaca a *InCantare*, indexada nas bases Sumários (nacional), Latindex (latino-americano) e Copernicus, na categoria: Linguística, Letras e Artes: Artes Multidisciplinar: Interdisciplinar.

Dos 215 estudos indexados no LILACS, foram analisados 85, após a exclusão do ano de publicação, periódico estrangeiro, outro formato que não o de artigo científico. Na base SciELO, dos 44 estudos, restaram 32, segundo os mesmos critérios de exclusão. Destes, apenas dois não estão em duplicidade.

Tomou-se como princípio as abordagens metodológicas evidenciadas nos artigos, para categorização e identificação; o método; o Qualis do periódico; a área de conhecimento da publicação; referências; afiliação institucional.

Análise de Dados

Foram analisados 84 artigos presentes na base de dados LILACS e duas publicações sem duplicação, na base SciELO, segundo os critérios de busca. Dos 84 artigos (100%), 55% não descrevem a abordagem metodológica presente no estudo (46 artigos). O restante, 45% (38 artigos), foi analisado, conforme demonstrado na Figura 1, a seguir.

MUSICOTERAPIA

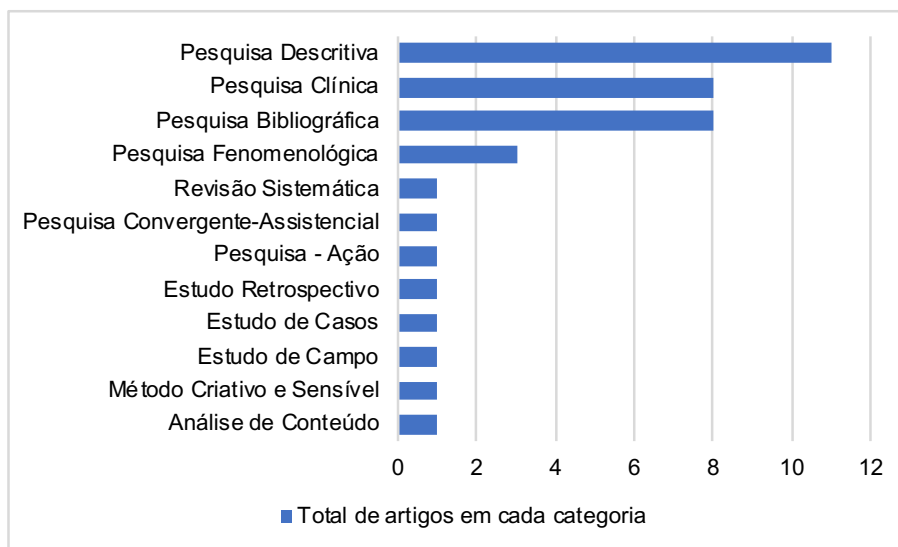


Figura 1 – Distribuição dos artigos com a descrição da abordagem metodológica utilizada (bases de dados LILACS e SciELO, 2004 a 2014)
Fonte: Dados do autor.

A maioria, 30% dos artigos analisados (11 trabalhos), apresenta abordagem descritiva de pesquisa, enquanto as abordagens de Pesquisa Clínica e Bibliográfica ficam em segundo lugar, cada uma com 21% do total de artigos analisados (8 artigos cada). A Pesquisa Fenomenológica está presente como abordagem metodológica em 8% do total de artigos (3 artigos).

O restante dos artigos (8), responsáveis pela soma dos últimos 21% analisados, são abordagens como Análise de Conteúdo, Método Criativo e Sensível (MCS), Estudo de Campo, Estudos de Casos, Estudo Retrospectivo, Pesquisa-Ação, Pesquisa Convergente-Assistencial e Revisão Sistemática, as quais apresentam apenas um artigo publicado no período referente à temática.

Como a maioria dos artigos oriundos da base SciELO já constava na base LILACS, foram analisados apenas os que não apresentavam duplicação, constando um total de dois artigos recuperados no período (100%). Destes, apenas um apresentou a descrição da abordagem metodológica utilizada (50%) – a abordagem de Pesquisa Bibliográfica.

Em relação ao *Qualis*, nos artigos coletados das bases LILACS e SciELO, predominam os estratos B1 e B2. O estrato B1 (32 artigos) apresenta 37% das publicações indexadas, seguido pelo estrato B2 (25 artigos), com 29% das publicações indexadas. O restante, A1, A2, B3, B4 e B5 (29 artigos restantes), soma quase 34% das publicações indexadas e analisadas.

As áreas que apresentam maior interdomínio com a Musicoterapia nos artigos recuperados das bases LILACS e SciELO são Enfermagem (33 artigos), com 38% de incidência nos artigos analisados, seguido por Medicina (30 artigos), com 35% de incidência. As áreas de Música, Fisioterapia e Psicologia (18 artigos) somam, conjuntamente, 21% de incidência no restante das publicações.

A seguir, foram analisados os artigos presentes nos periódicos *Revista Brasileira de Música* e *InCantare*, conforme demonstrado na Figura 2.

Dos 91 artigos analisados (100%), apenas 40% (36 artigos) descrevem a abordagem metodológica utilizada. Diferentemente da análise das bases LILACS e SciELO, os artigos oriundos dos periódicos aqui analisados apresentam, em sua maioria (10 artigos), a abordagem da Pesquisa Bibliográfica, responsável por 18,5% do total de artigos analisados.

A abordagem de Pesquisa Descritiva figura em segundo lugar, com 9,3% dos artigos analisados (5 artigos). Em seguida, apresentam-se as abordagens Revisão Sistemática, Pesquisa Qualitativa, Pesquisa Clínica, Pesquisa-Ação e Pesquisa Empírica e Estudo de Caso, responsáveis por 5,6% do total de artigos em cada categoria (3 artigos cada). Juntas, somam quase 34% do total de artigos analisados (15 artigos em conjunto).

Ainda, métodos híbridos de pesquisa foram identificados nos artigos oriundos dos periódicos (5 artigos), ou seja, mais de uma abordagem de pesquisa foi utilizada, conjuntamente, em um mesmo artigo, por exemplo: Análise de Conteúdo conjuntamente com Pesquisa Empírica, Pesquisa Descritiva conjuntamente com Pesquisa Experimental, e ainda Pesquisa

Fenomenológica conjuntamente com Pesquisa Bibliográfica. Métodos híbridos representam, portanto, 5,6% dos artigos aqui analisados.

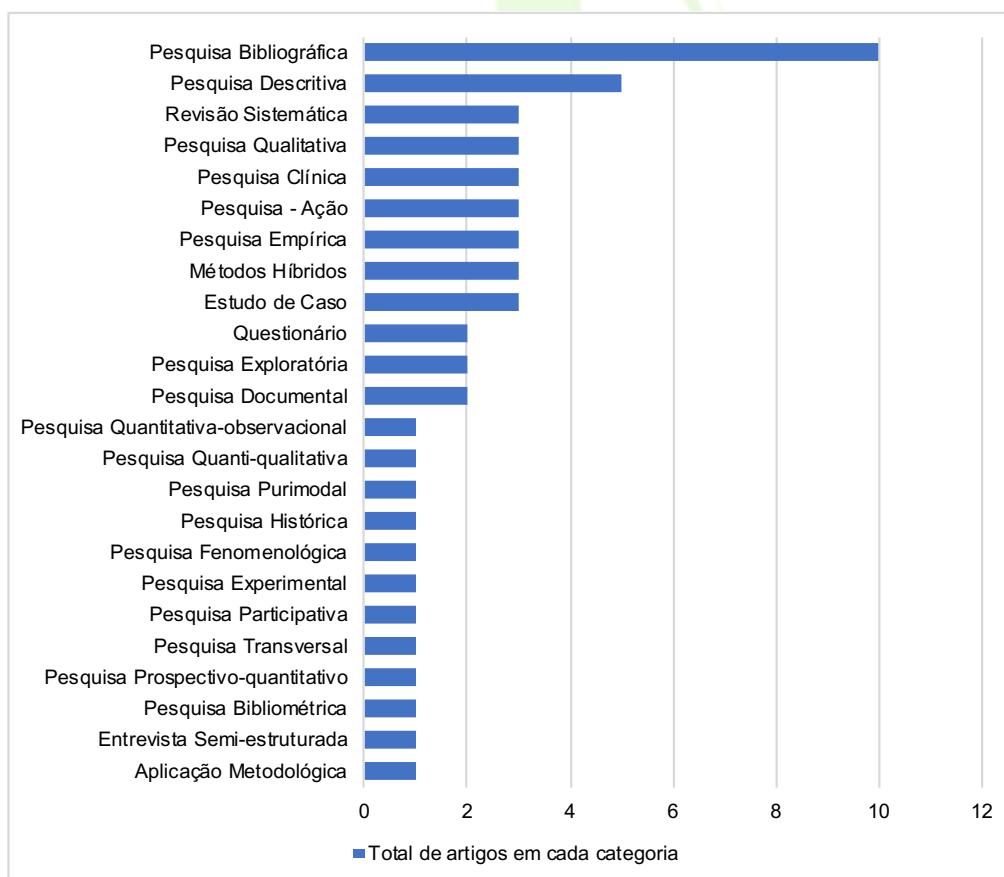


Figura 2 – Distribuição dos artigos com descrição da abordagem metodológica utilizada (*Revista Brasileira de Música e InCantare*, 2004 a 2014)

Fonte: Dados do autor.

As abordagens de Questionário, Pesquisa Exploratória e Pesquisa Documental são responsáveis por 3,7% do total de artigos em cada categoria (2 artigos cada) e, juntas, somam quase 12% do total de artigos analisados (6 artigos em conjunto).

Finalizando, o restante dos artigos (13 artigos) analisados inclui abordagens como Pesquisa Quantitativa-observacional, Pesquisa quanti-qualitativa, Pesquisa Plurimodal, Pesquisa Histórica, Pesquisa

Fenomenológica, Pesquisa Experimental, Pesquisa Participativa, Pesquisa Transversal, Pesquisa Prospectivo-Quantitativo, Pesquisa Bibliométrica, Entrevista Semiestruturada e Aplicação Metodológica, as quais apresentam apenas um artigo publicado no período, em um total de 22,2% de artigos publicados referente à temática.

Em relação ao Qualis, os periódicos analisados são classificados nos estratos B3 (*Revista Brasileira de Música*) e B4 (*InCantare*), sendo 93% dos artigos oriundos da primeira e o restante, 7%, da segunda.

As áreas que apresentam maior interdomínio com a Musicoterapia nos artigos recuperados dos periódicos *Revista Brasileira de Música* e *InCantare* são Música (8 artigos), com incidência de 9% nos artigos analisados, e as áreas de Educação e Medicina (6 artigos cada), com 7% de incidência cada área. Ainda, as áreas de Fisioterapia, Psicologia, Fonoaudiologia, Educação Especial, Enfermagem, Psicoterapia, Artes e Interdisciplinar configuram, em sua soma, 17% do total analisado.

Essa amostra de artigos aponta a Pesquisa Descritiva e a Pesquisa Bibliográfica como as principais abordagens metodológicas da área de Musicoterapia, visto que, tanto nos artigos indexados nas bases de dados LILACS e SciELO quanto na *Revista Brasileira de Música* e *InCantare*, são as metodologias mais prevalentes.

Esse padrão de publicação mostra, em geral, que os artigos analisados buscam descrever e analisar detalhes de dados coletados sobre determinado tema relacionado à Musicoterapia (Abordagem Descritiva) e também reunir diversos aspectos presentes na literatura científica da área, a fim de comparar diferentes pontos de vista de diversos autores analisados, buscando direcionamentos e compreensões a respeito do tema em questão (Abordagem Bibliográfica).

Corroborar-se com Freitas (2013) em relação à metodologia quando entende-se que a utilização de um ou outro método depende de muitos fatores:

da natureza do objeto que o pesquisador pretende pesquisar, dos recursos materiais disponíveis, do nível de abrangência do estudo e, sobretudo, da inspiração filosófica do pesquisador.

Ainda, justifica-se essa escolha de análise baseando-se nas pesquisas de Bufrem (2014), Bufrem e Prates (2005) e Freitas, Bufrem e Breda (2016), nas quais é abordado o estudo das configurações metodológicas de pesquisa em Ciência da Informação; Bufrem e Freitas (2015), que conglomeram as configurações metodológicas com o estudo de interdomínio; e ainda as pesquisas de Lima (1993), Elias e Souza (2006), Machado (2007), Martins e Braile (2009) e Michán e Muñoz-Velasco (2013), nas quais um levantamento e uma análise similares foram realizados com o estudo dos principais indicadores de produção científica em diversos domínios do conhecimento, como Ciências da Saúde e Ciências Agrárias.

Considerações Finais

Esta pesquisa teve como objetivo geral analisar a configuração da pesquisa em Musicoterapia, do ponto de vista metodológico, na produção periódica científica da área, em um período de dez anos (2004 a 2014). Dessa maneira, o estudo da comunicação científica em Musicoterapia possibilitou compreender as metodologias utilizadas nos artigos do *corpus* identificado segundo o universo de disseminação da informação científica em suas fontes aqui analisadas.

Conforme os resultados, tanto nas bases LILACS e SciELO quanto nos periódicos mais relevantes, as abordagens de pesquisa Descritiva e Bibliográfica são as principais utilizadas na área de Musicoterapia, uma vez que são as metodologias mais prevalentes dentre os artigos analisados. Contudo, o estudo da comunidade científica da área de Musicoterapia ainda

carece de pesquisas sobre seus indicadores, e esta investigação abre espaço para novas perspectivas.

A Musicoterapia foi considerada aqui um interdomínio do conhecimento. Dessa forma, entendendo interdomínios do conhecimento como intersecções de domínios distintos de um ou mais campos do conhecimento, considera-se que os pesquisadores e interlocutores dos campos da Música, Enfermagem, Medicina, especialmente Pediatria e Gerontologia, Fisioterapia, Psicologia, Fonoaudiologia e Educação Especial, em sua maioria, são atuantes no interdomínio da Musicoterapia em seus respectivos domínios, e esses campos têm-se destacado na aplicação desses estudos.

A condição de desenvolvimento decorrente da intersecção de saberes oriundos de diferentes domínios retroalimenta a dinâmica de construção do conhecimento científico de interdomínios e abrange a institucionalização social na Musicoterapia como um agente aglutinador de conhecimentos oriundos de diversos campos, como apontado nos periódicos e base de dados analisados.

Dessa maneira, a análise proposta nesta pesquisa demonstra alguns fatos que comprovam esses apontamentos, tais como: baixo número de artigos cujos autores são apenas do campo da Musicoterapia e a não figuração da Musicoterapia como área isolada do conhecimento nos colégios e/ou grandes áreas da CAPES. Porém, tais fatos não devem excluir a necessidade de análise científica da área, justamente para ser possível buscar meios para que seja desenvolvida além dos interdomínios analisados para uma consolidação *per se*.

As metodologias utilizadas pelos pesquisadores da área demonstram que a Musicoterapia vem promovendo uma teorização sobre o conteúdo científico já publicado, como teorias, técnicas e aplicações, direcionando os estudos para a forma prática e aplicada, e assim descobrir as relações existentes entre os aspectos que envolvam os fatos, fenômenos e situações no

fazer musicoterapêutico, a fim de equilibrar o fiel da balança nas dimensões de Arte e Ciência.

O estudo e a identificação das diferentes metodologias presentes em diversas publicações da área elucidaram aspectos da interpretação da dinâmica científica da área, fornecendo fundamentos para melhor entender como ela se desenvolve, a partir do conhecimento das diferentes contribuições científicas disponíveis sobre o tema.

Cabe a reflexão do quanto é árduo e enigmático construir ou percorrer um saber no qual muitos saberes estão implicados, sobretudo porque desses saberes nasce um corpo (ciência) com alma (arte): um musicoterapeuta.

Por fim, trabalhos futuros poderão abranger outros aspectos do fluxo da comunicação científica na área de Musicoterapia que não foram abordados neste estudo, tais como autores e instituições com maior impacto, áreas em que há mais interações interdomínios, tempo real de publicação de artigos em periódicos, tipo de autoria dessas publicações, divulgação dessa produção e o fluxo da comunicação científica em outros segmentos, como cursos de mestrado, doutorado e grupos de pesquisa, e, por fim, a análise das teorias referenciais de cada artigo para serem feitas definições adequadas de conceitos, além de auxiliar na construção de hipóteses, sugerindo a metodologia apropriada, entre outros; há diversos ângulos sobre a intersecção entre as abordagens metodológicas e publicações científicas a serem pesquisados para haver aperfeiçoamento profissional por meio da atividade científica.

Referências

ARISTÓTELES. **Poétique**. Paris: Les Belles-Lettre, 1977.

ARISTÓTELES. HORÁCIO. LONGINO. **A poética clássica**. Trad. Jaime Bruna. São Paulo: Cultrix, 1990.

BUFREM, L.; PRATES, Y. O saber científico registrado e as práticas de mensuração da informação. **Ciência da Informação**, v. 34, n. 2, p. 9-25, 2005.

BUFREM, L. S. Configurações da pesquisa em ciência da informação. **DataGramZero**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 6, 2013.

BUFREM, L. S.; FREITAS, J. L. Interdomínios na literatura periódica científica da Ciência da Informação. **DataGramZero**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 4, 2015.

CAPES. **Tabela de áreas de conhecimento/avaliação**. 2017. Disponível em: <<http://www.capes.gov.br/avaliacao/instrumentos-de-apoio/tabela-de-areas-do-conhecimento-avaliacao>>. Acesso em: 19 dez. 2017.

CARVALHO, D. H. A musicoterapia e o seu desenvolvimento no Rio de Janeiro. **Boletim ABMT**, n. 1, 1975.

CHAGAS, M.; ROSA, P. **Musicoterapia: desafios entre a modernidade e contemporaneidade - como sofrem os híbridos e como se divertem**. Rio de Janeiro: Mauad X; Bapero, 2008.

CUNHA, R.; VOLPI, S. A prática da musicoterapia em diferentes áreas de atuação. **R.cient./FAP**, Curitiba, v. 3, p. 85-97, jan./dez. 2008.

ELIAS, F. T. S.; SOUZA, L. E. Indicadores para monitoramento de pesquisa em saúde no Brasil. **Ciência da Informação**, v. 35, n. 3, 2007.

FMU. Centro Educacional. **Bacharelado em musicoterapia**. Disponível em: <<https://portal.fmu.br/graduacao/cursos/musicoterapia/>>. Acesso em: 14 abr. 2018.

FREITAS, J. L. **Dimensões da pesquisa brasileira no interdomínio dos estudos métricos da informação em Medicina**. 2017. 201 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2017.

FREITAS, J. L.; BUFREM, L. S.; BREDA, S. M. Methodological choices for research in Information Science: Contributions to domain analysis. **Transinformação**, v. 28, n. 1, p. 5-14, 2016.

GASTON, T. **Tratado de musicoterapia**. Buenos Aires: Paidós, 1968.

GIANNETTI, C. **Estética digital: sintonia da arte, ciência e tecnologia**. Belo Horizonte: C/Arte, 2006.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

KANT, I. **Crítica da razão pura**. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1989.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. de A. **Fundamentos de metodologia científica**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

LALANDE, A. **Vocabulário técnico e crítico da filosofia**. 3. ed. São Paulo: M. Fontes, 1999.

LEINIG, C. E. **Tratado de musicoterapia**. São Paulo: Sobral Editora, 1977.

LIMA, M. F. B. F. Produção científica: revisão parcial da literatura brasileira com ênfase na área agrícola. **Ciência da Informação**, v. 22, n. 3, 1993.

MACHADO, R. das N. Análise cientométrica dos estudos bibliométricos publicados em periódicos da área de biblioteconomia e ciência da informação (1990-2005). **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 12, n. 3, p. 2-20, set./dez. 2007.

MARTINS, C. A.; BRAILE, D. M. Análise cientométrica dos periódicos em Ciências da Saúde e áreas correlatas disponíveis no Portal de Periódicos da Capes. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v. 14, n. 3, p. 75-93, 2009.

MEADOWS, A. J. **A comunicação científica**. Brasília, DF: Briquet de Lemos/Livros, 1999.

MICHÁN, L.; MUÑOZ-VELASCO, I. Cienciometría para ciencias médicas: definiciones, aplicaciones y perspectivas. **Investigación en educación médica**, v. 2, n. 6, p. 100-106, 2013.

MUELLER, S. P. M. O impacto das tecnologias de informação na geração do artigo científico: tópicos para estudo. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 23, n. 3, p. 309-317, set./dez. 1994.

NASCIMENTO, L. C. S.; ANSAY, N. N. Music therapy education in Brazil: analyzing training courses' curriculums. In: PROCEEDINGS OF THE WFMT WORLD CONGRESS OF MUSIC THERAPY, 15TH., 2017. **Proceedings...** Tsukuba/Japan. July 4-8, 2017. p. 180-181.

OSELAME, M. N. **A pesquisa em musicoterapia no cenário social brasileiro**. 2012. Monografia (Especialização em Psicologia) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

PIAZZETTA, C. M. de F.; CRAVEIRO DE SÁ, L. Contribuições da teoria da complexidade à construção do campo teórico da Musicoterapia. In: SIMPÓSIO BRASILEIRO DE MUSICOTERAPIA, 12., 2006. **Anais...** Goiás: [s.n.], 2006.

PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

PROUST, M. **Nos trilhos da crítica**. São Paulo: Edusp; Imaginário, 1994.

PROUST, M. **Os prazeres e os dias**. São Paulo: Códex, 2003.

WIGRAM, T.; PEDERSEN, I. N.; BONDE, L. O. **A comprehensive guide to music therapy: theory, clinical practice, research and training**. London: Jessica Kingsley, 2002.

WILSON, S. Ciência e arte - olhando para trás/olhando para frente. In: DOMINGUES, D. (Org.). **Arte, ciência e tecnologia: passado, presente e desafios**. São Paulo: Editora UNESP, 2009. p. 489-498.

WORLD FEDERATION OF MUSIC THERAPY. **What is music therapy?** Disponível em: <<http://www.wfmt.info/wfmt-new-home/about-wfmt/>>. Acesso em: 8 nov. 2015.

Recebido em 20/02/2018
Aprovado em 09/04/2018

MUSICOTERAPIA